
Observando o observador, o olhar antropológico no vídeo de reação do clipe *Girl From Rio*¹

Antonio Hélio da Cunha Filho²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Entendendo o estreitamento entre culturas através do ambiente digital, o presente artigo busca “observar a observação”, ou seja, a partir de uma perspectiva antropológica entender como se estabelece a visão para as produções musicais brasileiras, através do olhar de influenciadores digitais estrangeiros nos *Reacts* da plataforma *YouTube*. Será usado como objeto, o vídeo *Gay Americans React to Anitta - Girl From Rio* do canal *DanDTV*, a pesquisa busca compreender através de um estudo de caso, se há semelhanças entre uma abordagem empírica e antropológicas, entendendo como a percepção a respeito de outras culturas pode ser expandida a partir do contato com as expressões artísticas de um local, e como esse olhar para o novo se contrói nesse tipo de produção audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE: youtube; antropologia; comunicação; reação, entretenimento

1. INTRODUÇÃO

Em uma sociedade mediatizada, e com possibilidades acessíveis a produção de conteúdo, os padrões comunicacionais estabelecidos já não suficientes. A noção de lugar, espaço, mídia e sujeito, e a relação entre produtor e consumidor já se configuram de maneiras plurais. Shirtky (2011) afirma que “Ferramentas digitais foram essenciais para coordenar contato humano e atividades do mundo real” (SHIRKY, 2011, p. 38). O cenário tem se tornado mais propício para a espetacularização das impressões privadas e o padrão cosmopolita das produções sociais, culturais, econômicas e políticas, são hiperdimensionalizadas dentro do aspecto das redes sociais virtuais. Essas são definidas por Recuero (2009), como mídias mantidas por diferentes estruturas - pessoas, empresas, grupos - e são constituídas através dos laços sociais.

Esses novos modelos de interação estimulam práticas de exibição do eu e demonstração pública do que já foi considerado íntimo. Com o surgimento de novas tecnologias, encontrar um ambiente de exposição do fórum privado, possibilitou o surgimento de novas formas de ser e estar no ambiente digital, podendo transbordar para

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da UFRN, e-mail: heliofilho2@hotmail.com.

as relações presenciais (SBILIA, 2008). As novas configurações sociais deixam dúbios os termos mais comuns como lugar, espaço, hábito, cultura, etc. Palavras muito caras a *práxis* científica das ciências humanas ganham novas potências e significações. No processo de compreender como são construídas essas identidade e seus locais de formação, Augé (1994) identifica os *não lugares*, uma nova forma de conceber o espaço e sua importância para os indivíduos.

A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a "lugar de memória", ocupam aí um lugar circunscrito e específico. (AUGÉ, 1994, p. 73)

Augé (1994) coloca o não lugar como aquele espaço de período passageiro onde o sujeito não cria laços, ao passo que o ambiente não proporciona mudanças significativas na construção da identidades, tendo sempre as relações mediadas por máquinas/artifícios. Analisando essa dinâmica, e refletindo sobre a imersão no mundo digital, fica duvidosa a solidificação do campo virtual como um *não lugar*. O presente artigo tenta trazer reflexões da importância que esses ambientes mediados, especialmente os virtuais, podem exercer uma atividade, de maneira mais efetiva, na formação das identidades e da consciência coletiva da sociedade contemporânea.

Essa relação entre o território e a construção das relações sociais está muito integrada as visões e estudos antropológicos. Laraia (2001), fala sobre a dificuldade da antropologia moderna na elaboração de conceitos dentro de uma sociedade tão dinâmica “A reconstrução deste momento conceitual, a partir de uma diversidade de fragmentos teóricos, é uma das tarefas primordiais da antropologia moderna” (LARAIA, p.30). Um desses desafios é entender as noções de “distante” e de “próximo”. Pois, se existem possibilidades de acessar outras culturas, a distância transforma-se em apenas detalhes geográficos. Velho (1978) em seu texto *Observando o Familiar*, tece discussões sobre a importância do olhar antropológico para as culturas mais próximas. Mas em um espaço de diminuições de territoriais, estreitados pela tecnologia, o que hoje é tão distante geograficamente e socialmente?

A antropologia em uma construção histórica sempre esteve ligada a observação de culturas distantes, e do olhar para aquilo considerou "selvagem", ou configurações sociais completamente distintas das que se estabeleciam nas sociedades europeias

ocidentais. Velho (1978), traz em seu texto a noção dessa importância de se entender o comportamento do próximo.

Podemos estar familiarizados com certa paisagem social, mas não significa que se compreenda a lógica de suas relações. Há dificuldades na análise do que é familiar: classificação e rotulação de acordo com os princípios nos quais fomos socializados (VELHO, 1978, p.11)

Porém, com os novos modelos de interação e “idas a campo”, como compreender o que é próximo e o que é distante? Com a potencialização das redes sociais, o olhar antropológico da observação de culturas que antes eram vistas apenas pelos teóricos, também podem ser compreendidas agora por “pessoas comuns”, os questionamentos não são só sobre as culturas mas como podem existir novas, múltiplas e dinâmicas formas de compreendê-las. Portanto, o presente artigo tem o objetivo entender como a observação antropológica pode estar presente no contato com manifestações culturais através do espaço virtual, tendo como objeto o vídeo de reação intitulado de *Gay Americans React to Anitta - Girl From Rio* (2021) do canal do Youtube, *DanDTV*.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi dividido em dois momentos, o primeiro, trata-se de uma revisão bibliográfica de obras, como: Velho (1978), Laraia (2001), Da Mata (1978), La Platine (2003), Augé (1994) e Sibilina (2008). Essas darão sustentação no momento de mapear as similaridades dos conceitos antropológico nos comportamentos de reação do vídeo.

O trabalho se estruturará em um estudo de caso para a realização da pesquisa, tendo em vista que ela apresenta uma problemática presente em um objeto, que pode referenciar a realização sistemática desse mesmo fenômeno em formatos similares (YIN, 2001). Então foi selecionado o vídeo *Gay Americans React to Anitta - Girl From Rio* (2020) do canal *DanDTV*. A pesquisa tem caráter qualitativo, caracterizando-se, pela não utilização de instrumental estatístico na análise dos dados, analisando as percepções da construção do olhar de observação nos vídeos.

Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a

situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995 p. 58).

O objeto foi escolhido, primeiramente por ser o vídeo de reação que possui o maior número de visualizações, ligado ao videoclipe musical *Girl From Rio* (2021), da artista Anitta. A pesquisa escolheu com objeto um produção audiovisual ligada ao obra da cantora brasileira, pois acredita que além dela ser uma artista de projeção internacional, este vídeo, especificamente, busca construir uma imagem das interações sociais e culturais cariocas, e cria um paralelo com a canção *Garota de Ipanema*, um símbolo internacionais da musicalidade brasileira

3. UM NOVO OLHAR ANTROPOLÓGICO NAS MÍDIAS DIGITAIS

O antropólogo tem como maior atividade da sua prática profissional/acadêmica a observação, ou seja, a construção do olhar antropológico é indispensável para a realização do fazer etnográfico. A antropologia se baseia na experiência testemunhada através do olhar.

O objeto teórico da antropologia não está ligado, na perspectiva na qual começamos a nos situar a partir de agora, a um espaço geográfico, cultural ou histórico particular. Pois a antropologia não é senão um certo olhar, um certo enfoque que consiste em: a) o estudo do homem inteiro; b) o estudo do homem em todas as sociedades, sob todas as latitudes em todos os seus estados e em todas as épocas. (LaPlatine, 2003, p. 9)

Os antropólogos desenvolvem suas habilidades de observação, e a partir daí, buscam mitigar as interferências subjetiva. A pesquisa participante dá contato direto com o objeto investigado, por isso a importância do tempo de convivência para identificar aspectos menos explícitos. Colocar-se no lugar do outro, requer distância social e psicológica.

Velho (1978), problematiza essas noções de perto e longe, para o autor há uma espécie de objetividade relativa na observação, que é mais ou menos ideológica e sempre com caráter interpretativos.

Ao estudar o que está próximo, o antropólogo expõe-se, com maior ou menor intensidade, a um confronto com outros especialistas, com leigos, com representantes do universo que foram investigados, que podem discordar das interpretações. (VELHO, 1978, p.11)

O autor já reflete o olhar, e levanta pontos importantes sobre ele. Para Velho (1978) o exercício desse olhar se constitui de uma prática, em muitos momentos, involuntária, recheada de subjetividade que pode buscar entender os processos de socialização e interação dentro dos espaços. Em uma sociedade tão pautada pela imagem, a visão é um dos sentidos mais acionados pelos estímulos comunicacionais, e por isso, faz parte da significação das coisas e do mundo das coisas.

Aproximando a antropologia, e seu comportamento etnográfico, da cultura midiática dos ciberespaços, é possível perceber que esse lugar, entendido como um campo de construção de saberes, permite transforma-se em formas, nas quais esses olhares sobre outras expressões culturais e sociais, coexistam, e sejam apreendidas pelos distantes. Essa mediação dos corpos e de suas atividades, artísticas e/ou socioeconômicas, permite que aquela expressão ganhe novas apreensões.

O corpo, ou a face nas plataformas online não deixam de existir, ficam apenas com outros contornos do que aqueles com os quais estamos acostumados a lidar no campo tradicional da pesquisa antropológica. Além do corpo, além da face, que por si só já ganham outros sentidos no ambiente virtual, somos convidados também a seguir outros insights e povoar outras redes com outros mediadores além do que humanos. (GODINHO, 2021)

Por isso, mesmo com rigor técnico e da importância acadêmica do olhar antropológico, a presente pesquisa tentará entender se há características antropológicas nos olhares empíricos da sociedade, usando o vídeo *Gay Americans React to Anitta - Girl From Rio* (2021) do canal do Youtube, *DanDTV*. Além dessa perspectiva, busca construir uma espécie de metalinguagem ao entender a cultura da observação, também presente no vídeo

4. YOUTUBE E SUAS POSSIBILIDADES NO ESPAÇO VIRTUAL

Nessa nova conjuntura social, o *YouTube* se tornou uma das redes sociais; plataformas de convergência midiática e espaços de produção de conteúdo, mais importantes para o conhecimento de novas culturas e expansão da noção de espaço. Entrevistas com artistas de *hollywood*; *gameplay* de jogos eletrônicos; clipes musicais; conteúdo original de *youtubers*, ou seja, são inúmeras as possibilidades dentro da plataforma.

Com o lema *broadcast yourself*, o Youtube foi desenvolvido por três colegas de trabalho, Chad Hurley, Steven Chen e Jawed Karim (atualmente fora da empresa), que desejavam compartilhar vídeos de festas com amigos. Pelo tamanho dos arquivos e a dificuldade do envio, desenvolveram um novo meio de disponibilizar os vídeos no ambiente digital. Criado em fevereiro de 2005, em Menlo Park, na Califórnia, o Youtube foi lançado oficialmente em dezembro do mesmo ano.

[...] o YouTube é um ambiente virtual vasto, nele podemos observar uma miscelânea de conteúdos variados, que dialogam uns com os outros ou que deles se distinguem completamente. Tais conteúdos são produzidos desde sujeitos do cotidiano e, por meio da convergência midiática em que mídias tradicionais e novas mídias colidem e, sobretudo, fundem-se, também pelas grandes corporações. Desde produções propagandísticas produzidas por empresas de marketing digital ou até mesmo programas televisionados, com cenários, entrevistados etc., aos sujeitos do cotidiano amadores ou os que se profissionalizaram estão presentes nesse lugar de mídia. (MELLO, 2018, p. 113)

O lema do site é muito característico para entender os modos de ser e estar no ciberespaço, a exposição do eu a espetacularização de si tem trazido para a contemporaneidade novas formas de interação social com um espaço limítrofe entre as esferas do público e do privado. A popularização de aparelhos digital, foi um ponto fundamental para que essas formas de sociabilidade ultrapassem as barreiras do físico e se solidifiquem. Para Sibilia (2009) vivenciamos uma era enriquecida pelas redes sociais e suas potencialidades. O Youtube é um espaço de questionamento quanto a sua natureza digital, pois, é difícil classifica-lo quanto um lugar antropológico ou um “não lugar”. Para Augé (1994) o lugar antropológico, se caracteriza por uma construção concreta e simbólica do próprio espaço, mas que não dá conta das inúmeras nuances da vida social. Este lugar seria um princípio de sentido para aqueles que pertencem de algum modo ao local e um motivo de entender a inteligibilidade para quem observa “O habitante do lugar antropológico não faz história, vive na história” (AUGE, 1994, p.53).

As plataformas digitais, como o Youtube, principalmente, na sociedade mediatizada torna-se um local de construção da identidade não só daqueles que produzem o conteúdo como dos que consomem os vídeos da plataforma. Seria uma espécie outra de lugar, que apesar de não está diretamente relacionado com os processos de nascimento, coexistência e história do sujeito (AUGÉ, 1994), é parte do convívio, e consequentemente, das construções subjetiva e identitárias dos indivíduos.

Essas construções acontecem não só de forma individual mas também em um processo coletivo, permitindo a aproximação de sujeitos por suas semelhanças, ou a curiosidade pelo diferente, facilitado pelo acesso a função bibliotecária do ambiente digital (Murray, 2003), possibilitando acesso a diversos capitais simbólicos. A presença da vida no ciberespaço se expande ao passo que as narrativas digitais também são preponderantes para a manutenção da vida *off-line*, como fala Le Breton (2003) “O mundo virtual autoriza a identificação com milhares de formas possíveis, quebra qualquer limite de fato e de sentido” (LE BRETON, 2003, 154). Essa onipresença do pensamento, permitiu a internet reconfigurar diferentes quesitos que formavam a identidade individual e coletiva.

Nessas novas formas de produção de conteúdo e espetacularização do eu, os vídeos de reação - *reactions* - tornaram-se um fenômeno. Por essa perspectiva, é instigante entender o modo como a audiência legitima os objetos pelo olhar do outro, e como as impressões exteriores podem macular a visão, supostamente, pessoal. Além disso, busca perceber se há no olhar das reações características do olhar antropológico, especificamente no vídeo analisado, *Gay Americans React to Anitta - Girl From Rio* (2021) do canal do Youtube *DanDTV*

5. OBSERVANDO O OBSERVADOR, O OLHAR ANTROPOLÓGICO NO VÍDEO DE REAÇÃO DO O CLIPE *GIRL FROM RIO*

O canal do Youtube, *DanDTV*, possui seu primeiro vídeo postado em 2016, atualmente (junho de 2022), conta com 77 mil inscritos. O canal é comandado por DanD e HanD, dois homens gays que fazem vídeos de reação à produtos midiáticos relacionados, especialmente, a cultura pop e a produções LGBTQIAP+. O conteúdo está mais voltado para análises de episódio do *reality show*, *Rupaul's Drag Race*, assim como videoclipes de artistas do segmento *pop*. A formatação do canal é simples, apenas os dois apresentadores sentados na sala de uma casa, reagindo e analisando o conteúdo escolhido por eles. Os vídeos, aos quais eles reagem, também podem ser sugestões de pessoas que acompanham o canal.

Em 30 de abril de 2021, a cantora brasileira Anitta lançou o vídeo clipe da sua música *Girl From Rio* (2021), uma reinterpretação da clássica música da bossa nova, Garota de Ipanema. O vídeo clipe, retrata de forma mais lúdica o Rio de Janeiro representado na música de Tom Jobim, e em seguida mostra a vivência e as interações

sociais cariocas típicas do século XXI. Nesse momento do clipe, a praia de Ipanema se torna o piscinão de ramos, e a menina da loira de, agora é substituída por mulheres contemporâneas, majoritariamente negras, de vários tipos de corpos e cabelos. O cenário da praia de Ipanema, símbolo da classe média carioca, agora é um espaço mais plural mostrando um típico momento de verão na capital fluminense.

O clipe foi muito comentados de 2021 com mais de 43 milhões de visualizações, e a reação do vídeo feito pelo canal DanDTV, tem atualmente (junho de 2022) 187.470 visualizações, sendo o vídeo de reação do clipe, com mais acessos. A partir disso, buscaremos encontrar características que conversam com o olhar antropológico no vídeo que está disponível em uma plataforma que dinamiza os conceitos de *lugar e não-lugar*.

Na perspectiva de analisar o observador, a pesquisa possui duas abordagens com o vídeo. Entender primeiro como ele se constrói em seus métodos e recortes dados – sejam eles feitos deliberadamente ou não – e se há uma mínima presença do fazer antropológico. Na segunda abordagem, buscar entender própria cultura da análise dentro dessa nova configuração de olhar, como uma espécie de metalinguagem empírico-antropológica.

Primeiramente, ao introduzir seus vídeos DanD e HandD usam sempre as mesmas frases, em tradução livre “E aí pessoa? Suas vacas e vadias e piranhas³” e Em seguida os *Youtuber* apresentam qual será o produto musical analisado naquela ocasião, e para iniciar o processo de reação, falam a expressão, que em tradução livre seria “então vamos já assistir⁴”, fazendo simultaneamente um movimento chamando a atenção de todos.

Começa a transmissão do videoclipe, no caso *Girl From Rio(2021)*, deixando assim livre a observação e as reações espontâneas dos *youtubers*. Quando se fala em olhar antropológico umas das principais recomendações é o mínimo de envolvimento com o que se observa, como afirma LaPlatine (2003), a experiência antropológica deve ser entendida de maneira mais neutra possível. No caso de DanD e HanD, há um notório entusiasmo e envolvimento de conexões com o que se está reagindo, e pelas recomendações eles estão animados para conhecer a música e a cultura. Esse comportamento destoa do olhar da antropologia clássica/acadêmica.

Dito isso, é possível perceber processos similares a métodos e atividades do fazer antropológico mesmo vindo de uma experiência empírica e midiática. Os apresentadores seguem um processo muito bem delimitados antes de começar suas reações, usando a

³ Texto original: Hey whats up? your bitches and sluts and whores. Is DanD and HanD

⁴ Texto original: So, lets go already and watch.

mesma etapas, uma espécie de preparação para o que irá acontecer. Parecidos aos que Da Mata (1978) vem trazer, ou seja, as três etapas para a pesquisa antropológica. A primeira, seria a fundamentação teórica feita, e os estudos prévios ao campo. No vídeo, a reação deles começa com saudações e uma pequena abordagem sobre o que será observado, contextualizando previamente a observação que irá ser feita.

A segunda etapa elencada por Da Mata (1978), é a preparação para observar, percebendo os materiais, a logística e os métodos. Os *youtubers* criam similaridades com essa etapa quando se preparam emocionalmente, usando sempre as mesmas expressões e buscando delimitar muito bem quando começa a “ida ao campo”. E a terceira etapa é a própria observação, dita por Da Mata (1978), é feita de maneira menos acadêmica e mais orgânica e empírica.



Figura 1 – Imagem elaborada pelo autor do artigo: captura da tela da hora da deflagração da surpresa com o que está sendo observado.

Da Mata (1978) também cunha o termo *Anthropological Blues*, que seria o sentimento dos antropólogos quando estão no campo, como a saudade dos lares, os envolvimentos emocionais com as pessoas e o campo observados. O autor ainda afirma que é importante que haja nos relatos de campo, esse tipo de sentimento para os que aqueles forem buscar suas obras, saibam que os sentimentos do observador também estão presentes naquelas análises, uma conduta de honestidade intelectual.

No caso dos vídeos de reação, esses sentimentos são o que vão fazer a análise ter o seu atrativo. Enquanto a academia nega o envolvimento, a audiência dos “*reaction*”, querem saber quais os sentimentos – euforia, tristeza, medo, etc. – ou seja, uma experiência sinestésica através do outro. No caso da reação, é clara as sensações que aquela obra musical traz, e como a mesma dá significado a tudo aquilo, com depoimentos após a observação, uma espécie de anotações etnográficas do que está sendo observado.

Os dois começam observando a ambientação, feita de forma lúdica pela direção de arte do clipe, e como isso constrói a atmosfera do Rio de Janeiro dos anos 50. Ambos percebem a sensualidade, e o contraste existente entre os dois momentos do videoclipe. São pontos importantes no olhar deles os novos corpos e modelos de roupa da nova fase, a liberdade que se estabelece no Rio do século XXI, além da sensualidade da Anitta. Eles analisam também a partir de uma perspectiva de gostar ou não daquilo, demonstrando preferência e apelo Rio de Janeiro contemporâneo. O interessante que a partir dessa experiência, DanD e HanD buscam mais conhecimento sobre os artistas e a cultura dos países de origem, no caso o Brasil.

Em uma análise metalinguística, a observação feita sobre as reações está muito mais pautada nas repercussões das observações do que na experiência do momento. Primeiramente, o olhar dos apresentadores, tem uma posição de fala, ou seja, o local geográfico, a etnia, o idioma, a orientação sexual e o repertório simbólico deles, possibilitam uma série de impressões prévias ao que se assiste.



Figura 2 – Imagem elaborada pelo autor do artigo: captura da tela no momento em que DanD e HanD analisam os comportamentos dos brasileiros durante um dia na praia, através das cenas do videoclipe Girl From Rio da Anitta.

A globalização permite um fenômeno de similaridades com as músicas, o modo de dançar, os ritmos, as roupas, que dentro da observação causam uma proximidade, deixando o estranhamento mais pela ambientação do espaço. Ambos os rapazes, em suas observações criam identificações permitidas pela diminuição dos limites de distante e próximo, como afirma Velho:

Caráter relativo de familiar e exótico: na nossa sociedade os meios de comunicação de massa traz fatos, notícias de regiões e grupos espacialmente distantes mas que podem se tornar familiar pela frequência e intensidade com que aparecem. (VELHO, 1978, p.12)

Plataformas como o YouTube, permitem que pessoas de diferentes regiões interajam e tenham conhecimento sobre outras culturas. A presente pesquisa torna-se um

exemplo, pois busca ter um olhar antropológico via campos e meios digitais, observando uma observação feita através desse mesmo ambiente.

Neste trabalho há três níveis de observação na análise, a visão dos apresentadores sobre o produto, a visão antropológica sobre a observação dos *youtubers*, e a importância de se analisar a dinâmica macro dessas reações pela audiência. Se vídeos de reação tornam-se cada vez mais comum, e possuem grande influência nos espectadores, é interessante observar que em uma sociedade mediatizada as opiniões também passam por um processo de impressão, onde a hierarquização dos produtos midiáticos, os critérios pessoais de gosto, também, são pautados pelas experiências exteriores.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer novas culturas sempre foi uma característica da coletividade. O conhecimento sobre o outro é também o descobrimento de novas maneiras de investigar o ser e estar no mundo. Os antropólogos, sempre foram tradutores – deixando claro que essa tradução era para as sociedades ocidentais e com base na ciências europeia – de culturas distantes. A cosmopolitização das ideias e do convívio entre os indivíduos, bem como a possibilidade produção e distribuição de conteúdo pelos meios digitais, permitiu que essa noção sobre outras culturas chegassem aos pessoas não só através de estudos antropológicos.

Essa tradução passa agora pelo prisma pessoal de cada um, daí o crescimento exponencial dos vídeos de reação. Ou seja, é a percepção da surpresa e do encantamento inicial com o outro. É clara a presença de características do fazer antropológico no olhar dos vídeos de *reacts*. Porém, não é algo pensado nem sistematizado, mas sim uma presença de critérios de observações presentes no imaginário coletivo. Nesses modelos de vídeo e relatos subjetivos vai atrair o público, destoando da negação e da busca pela isenção da academia.

Além disso, a cosmopolitização das culturas traz, em partes, uma identificação com o distante, e pontos de encontro entre as características culturais. É importante entender que o espaço antropológico se expande em possibilidade de locais de observação, além da importância das impressões mediadas por terceiros. O ambiente digital, também migra de uma dinâmica estabelecidas pela artificialidade, sinônimo de um não lugar, para um campo de convívio e conhecimento sobre o outro.

Portanto, há uma construção de subjetividade nos espaços digitais. As distâncias entre os distantes se encurtam, ao asso que se expandem as inúmeras possibilidades de olhares sobre culturas e comportamentos distintos. Observar o observador permite entender o processo de conhecer e se maravilhar com o novo.

Referências:

ANITTA. **Girl From Rio**. Youtube, 30 de abr. de 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CuyTC8FLICY>>, Acesso em: 28 de jun. de 2022.

Da Mata, Roberto. O Ofício do Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GODOY, A. S. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, Mar./Abr. 1995B, p. 57-63.

LA PLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, Ed. 14ª, 2001.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papiрус Editora, 2003

MELLO, Yuri Araújo de. Broadcasting yourself: a construção do sujeito por meio da fala de si no YouTube. Orientadora: Maria do Rosário Gregolin, 2016, 174f. **Dissertação [Mestrado]** - Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.

MOLLEJO, Verónica. **Reaction Vídeo, el divertido fenómeno que triunfa en Internet**. Disponível em: <<https://okdiario.com/series/2017/10/23/reaction-videos-fenomeno-internet-49748>> Acesso em: 24/10/2017

MURRAY, Janet H. **Hamlet no Holodeck**. São Paulo: Itáu Cultural: UNESP, 2003.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Meridional, 2009

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Filigrana, 2008.

TV, DanD. **Gay Americans React to Anitta - Girl From Rio**, Youtube, 30 de abr. de 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Rp9J8a6A1Pg>>. Acesso em: 28 de jun. de 2022.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Yin, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.